

A nova direção do Detur promete transformar o Clube do Choro num belo ponto de encontro

Primeiro, surgiu à tona um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer para a construção de um Centro Nacional de Cultura entre o Teatro Nacional e o Ministério das Minas e Energia. Duramente criticado, o projeto agora cede lugar a outra discussão: ao invés do prédio, por que não somar esforços e administrar em conjunto um programa cultural para Brasília?

Somar esforços e quebrar a imagem de cidade fria

CARMEM MORETHZON
Da Editoria de Cultura

Na semana em que passava o cargo a seu sucessor, o ex-ministro da Cultura, Aluísio Pimenta, mostrou à imprensa um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer para a construção de um Centro Nacional de Cultura a ser implantado em Brasília. A idéia: reunir espaço para a centralização das atividades das diversas áreas artístico/culturais. Não foram poucos os focos de insatisfação. Logo depois, o novo ministro, Celso Furtado, ao tomar posse, afirmava que a questão seria ainda exaustivamente estudada devido à premissa de outros assuntos. Agora, o tema volta à pauta: a animadora cultural e pesquisadora Maria Duarte (autora da tese "Educação pela arte numa cidade nova: o caso Brasília") lança propostas que vêm de encontro frontal ao Centro, ou seja, por que, ao invés de criar mais um prédio, as entidades culturais já existentes na cidade não se unem para elaborar programação, administradas conjuntamente?

Até hoje, na história de Brasília, não houve uma ação coordenada pelos diversos órgãos do Governo do Distrito Federal no sentido de criar uma programação cultural. Uma lacuna que, se fosse analisada e preenchida, poderia dar fim ao enorme problema de falta de verbas vivenciado pelas diversas entidades culturais. Afinal, custos divididos e intenções somadas só podem gerar bons resultados. Uma programação idealizada segundo os interesses de órgãos como o Detur — Departamento de Turismo, Fundação Cultural do Distrito Federal e a Funarte (apesar de ser nacional) pode até implementar o turismo na cidade, além de criar novas oportunidades para os artistas locais.

O Detur e a Fundação Cultural estão, há duas semanas, sob nova direção. Pouco tempo para já se ter uma série de projetos em andamento, mas suficiente para se realizar os primeiros contatos. E é o que vem sendo feito, como explica Moacir de Oliveira, diretor-geral do Departamento de Turismo: "Uma das imagens que Brasília tem, e que precisa ser rompida, é que a cidade não fornece opções para o lazer. O nosso grande desafio é justamente quebrar essa imagem de cidade fria e juntar tudo numa ação coordenada. Para isto, na próxima semana, vamos nos reunir — Detur/Fundação Cultural do DF/Funarte — para começar a criar coisas. Ao invés de cada um ficar fazendo separado, há uma enorme margem de se fazer tudo junto".

SATELITES

Para os três agentes culturais, a construção de um Centro Nacional de Cultura é dispensável, por enquanto: "Brasília tem muitos espaços centralizados. Esse prédio da Fundação Cultural tem tudo. Acho que basta de centralização. A cidade tem espaços demais para serem ocupados culturalmente. É melhor aplicar o dinheiro equipando as cidades-satélites com pequenos e bem dotados espaços do que com mais um monumento no centro da cidade", argumenta o diretor da FCDF, Reynaldo Jardim. E não era para menos: a Cellândia, até hoje, não possui um palco em condições mínimas para receber um espetáculo, seja de dança, teatro ou música. E ela não é a única.

Os contatos estão sendo feitos e prometem muito. Diz Beth Jeckell, coordenadora da Funarte, "Já conversei com o Reitor da UnB, Cristóvam Buarque, com o Moacir, com o Reynaldo e com a secretária Vera Pinheiro e a respeito de um encontro no qual se firme compro-



Beth Jeckell



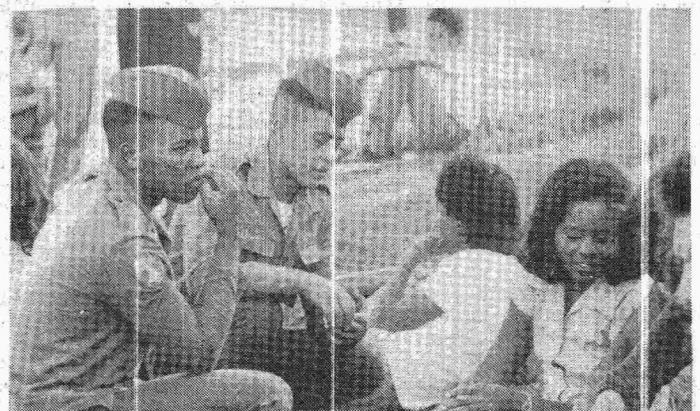
Moacir de Oliveira



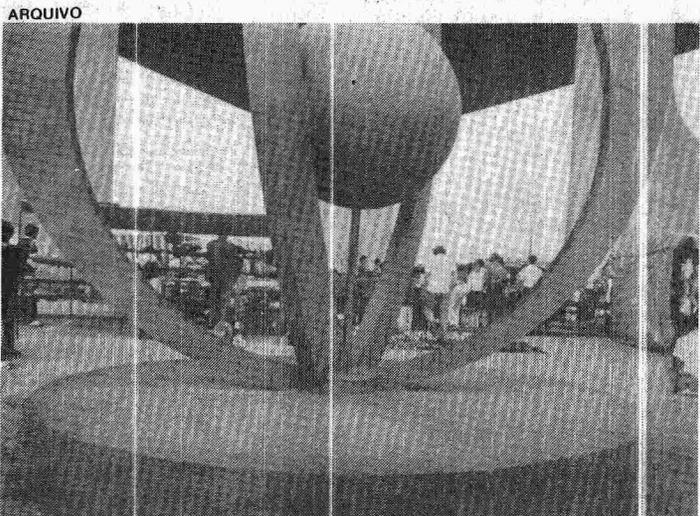
Reynaldo Jardim.



...além de artesanato oriundo de inspirações na cultura das diversas regiões brasileiras...



...as pessoas encontram clima para bate-papos e namoro. O sonho dos administradores culturais de Brasília é ver seus espaços ocupados com tanto dedicação.



Na Torre de Televisão, tida como o mais animado espaço cultural da cidade...

misso de os agentes trabalhem juntos. A partir daí, cada entidade pode optar por uma parceria, dependendo da afinidade dos objetivos. Mas que haja um compromisso mínimo de sintonia para a área cultural da cidade. Todos estão de acordo e esta reunião deverá acontecer na próxima semana".

Enquanto não parte para resoluções mais efetivas, cada órgão firma seus convênios, busca patrocínio junto à iniciativa privada e elabora projetos. "O Parque da Cidade é um espaço maravilhoso que é subutilizado. Acontece o mesmo com a Torre de TV e com a Concha Acústica (é um absurdo que, numa cidade onde há marcadamente seis meses de seca, não se tenha um calendário cheio de atividades

ao ar livre", afirma Moacir de Oliveira. Principalmente para o Detur, a união de forças é interessante: "O turista que vem visitar Brasília só fica um dia; vê todos os monumentos e vai embora. Se nós calçarmos a cidade com muitos eventos, estaremos oferecendo mais opções para os moradores e para os turistas também".

DETUR

Neste sentido, o Detur já está estudando todas as possibilidades: do Lago Paranoá à Praça das Fontes, passando pela reativação do Clube do Choro. Além disso, está sendo analisado, e já em vias de concretização, um convênio entre Detur/Fundação Cultural/Parque da Cidade, com o objetivo de or-

ganizar uma programação contínua para os vários espaços livres do Parque. Explica o diretor do Detur: "Passada esta primeira fase — esse mês de verdadeira *avant première* desse trabalho integrado — o convênio será agilizado e colocado em prática". Ele aponta o abandono ao Clube do Choro como uma das grandes falhas da administração do Departamento de Turismo até o momento: "O Clube pode ser aperfeiçoado. Temos i-ê de voltar a fazer o Casarão do Samba com espetáculos permanentes num trabalho conjunto com as escolas de samba de Brasília. Seria uma forma de trazer nomes consagrados nacionalmente e também de melhorar a situação financeira de cada escola".

Da Funarte também nascem iniciativas unificadoras. Um exemplo é o Corredor da Arte, que vai acontecer como um prolongamento da feira de artesanato da Torre de TV: "Será uma feira que vai expor produtos que não estão no comércio: jóias de prata, serigrafias, camisetas, alimentos. E vai contar com a animação de shows ao ar livre e com a troca de informações de colecionadores e sebos de livros e discos", coloca Beth Jeckell. O evento — que está em fase final de elaboração — acontecerá mensalmente, aos domingos, sendo que o primeiro já está programado para o próximo dia 30.

A Fundação Cultural do Distrito Federal está com um verdadeiro pacote cultural para ser posto em prática e com a função de ocupar a Asa Sul, a Asa Norte e as cidades-satélites. Coloca Reynaldo Jardim: "O processo de unificação é natural, as entidades devem convergir para uma meta comum e não só as locais, como também as de nível nacional. Nós já estamos firmando contratos com as fundações Clóvis Salgado, de Minas Gerais, e a de Curitiba para o intercâmbio de espetáculos. Vamos continuar contactando outras mais".

TORRE DE TV

O grande trunfo de uma ação conjunta está na questão orçamentária. Atualmente, nenhuma instituição em Brasília tem condições de custear um projeto abrangente sozinho: "O caminho é esse, se ficarmos isolados resolvendo questões de custo não vamos conseguir fazer nada", esclarece Beth Jeckell. A prova está no próprio Corredor da Arte, que será realizado em convênio com o Detur: "Vamos abrir um espaço na cidade perto do ponto que mais une gente, que é a Torre de TV. Com isso, resolvemos a questão de custo e melhoramos a programação de Brasília".

Outro ponto positivo está, segundo Beth, no fato de que, quando as instituições se juntam, há também a convergência de públicos diferentes: "Devemos buscar uma traço de trabalho coletivo para chegar a uma proposta que tenha interesse comum".